



ROTEIRO DE ESTUDOS

Aulas 25 a 36 – caderno 3

- 25 e 26 – gêneros textuais
- 27 e 28 – interpretação de texto no Enem e vestibulares
- 29 a 32 – verbos: uso literal e metafórico
- 33 e 34 – advérbios
- 35 e 36 – preposição e conjunção

Aulas 37 a 46 – caderno 4

- Aulas 37 a 40 – figuras de linguagem
- Aulas 41 e 42 – formação de palavras
- Aulas 43 a 46 – seleção lexical e variedades linguísticas na construção do texto

Refaça as avaliações do 3º trimestre : avaliação mensal, trimestral e simulados

Refaça os exercícios do Plurall, **em especial as questões dissertativas**, assistindo os vídeos das correções.

Faça os seguintes exercícios (compareça aos plantões com os exercícios feitos)

Motivos para pânico

Como sabemos, existem muitas frases comumente repetidas a cujo uso nos acostumamos tanto que nem observamos nelas patentes absurdos ou disparates. Das mais escutadas nos noticiários, nos últimos dias, têm sido “não há razão para pânico” e “não há motivo para pânico”, ambas aludindo à famosa gripe suína de que tanto se fala. Todo mundo as ouve e creio que a maioria concorda sem pensar e sem notar que se trata de assertivas tão asnáticas quanto, por exemplo, a antiga exigência de que o postulante a certos benefícios públicos estivesse “vivo e sadio”, como se um defunto pudesse estar sadio. Ou a que apareceu num comercial da Petrobrás em homenagem aos seus trabalhadores, que não sei se ainda está sendo veiculado. Nele, os trabalhadores “encaram de frente” grandes desafios, como se alguém pudesse encarar alguma coisa senão de frente mesmo, a não ser que o cruel destino lhe haja posto a cara no traseiro.

Em rigor, as frases não se equivalem e é necessário examiná-las separadamente, se desejar enxergar as inanidades que formulam. No primeiro caso, pois o pânico é uma reação irracional, comete-se uma contradição em termos mais que óbvia. Ninguém pode ter ou deixar de ter razão para pânico, porque não é possível haver razão em algo que por definição requer ausência de razão. Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a “água é um líquido” ou “a comida vai para o estômago”. Se as palavras pudessem protestar, certamente Pânico escreveria para as redações, perguntando ofendidíssimo desde quando ele precisa de razão. Nunca há uma razão para o pânico.





A segunda frase nega uma verdade evidente. É também mais do que claro que não existe pânico sem motivo, ou seja, o freguês entra em pânico porque algo o motivou, independentemente de sua vontade, a entrar na desagradabilíssima sensação de pânico. Ninguém, que eu saiba, olha assim para a mulher e diz “mulher, acho que vou entrar em pânico hoje à tarde” e, quando a mulher pergunta por que, diz que é para quebrar a monotonia.

João Ubaldo Ribeiro. Motivos para pânico. *O Estado de S. Paulo*, 17 maio 2009.

- 1) (Vunesp) “Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a ‘água é um líquido’ ou ‘a comida vai para o estômago’.”

Neste período, no tom bem-humorado que o autor imprime à crônica, a palavra “novidade” assume um sentido contrário ao que apresenta normalmente. Essa alteração de sentido, em função de um contexto habilmente construído pelo cronista, caracteriza o recurso estilístico denominado:

- 2) (Unicamp-SP) A propaganda a seguir explora a expressão idiomática ‘não leve gato por lebre’ para construir a imagem de seu produto:

Não leve gato por lebre

Só BOM BRIL é BOM BRIL

- a) Explique a expressão idiomática por meio de duas paráfrases.

- b) Mostre como a dupla ocorrência de BOM BRIL no slogan ‘Só BOM BRIL é BOM BRIL’, aliada à expressão idiomática, constrói a imagem do produto anunciado.





Texto para as perguntas 3 a 6.

Perfis de redes sociais são retratos ideais de nós mesmos

Desde as priscas eras do Orkut, em minhas perambulações pelas redes sociais, noto o fenômeno. Entro no perfil de uma moça e começo a olhar suas fotos: encontro-a ali ainda criança, vestida de odalisca, num Carnaval já amarelado do século 20; a vejo com seu cachorro, numa praia, recentemente; com uma turma na piscina de um sítio, no final da adolescência; numa 3X4 com o namorado, espremida na mesma cabine, talvez numa viagem à Europa.

Então, sem que eu me dê conta, um retrato puxa meu olhar. Minha reação imediata, naquele interregno mental em que as pupilas já captaram a imagem, mas o cérebro ainda não teve tempo de processá-la, é de surpresa: como ela saiu bem nessa foto! Só um segundo depois percebo o engano: quem saiu bem não foi a garota do perfil, mas Penélope Cruz, Marilyn Monroe, Sarah Jessica Parker ou outra atriz famosa, cuja imagem foi contrabandeada para aquele álbum por conta de alguma semelhança com sua dona. Olho as outras fotos. Comparo. E da distância --às vezes menor, às vezes maior-- entre a estrela de cinema e a mulher do Facebook, surgem sentimentos contraditórios.

De início, topar com a destoante atriz me dava certa pena: afinal, por mais bonita que fosse a moça, nunca alcançava a musa. "Será que ela acredita mesmo ser parecida com a Sharon Stone?", eu pensava, com uma pitada de vergonha alheia, como se estivesse diante de uma pessoa incapaz de lidar com a realidade, uma pessoa com delírios de grandeza, com delírios de beleza.

Aos poucos, contudo, fui chegando à constatação óbvia de que todo perfil de rede social é um retrato ideal de nós mesmos. Se ponho um link para um filme do Woody Allen, se cito uma frase de Nietzsche; mesmo quando posto uma foto de um churrasco, não estou eu, também, editando-me? Tentando pegar esse aglomerado de defeitos, qualidades, ansiedades, desejos e frustrações e emoldurá-lo de modo a valorizar o quadro --engraçado, profundo, hedonista?

Pensando bem, nem precisamos ir até o exagero das redes sociais --essa versão caricaturada de nós mesmos. Toda vez que nos vestimos, que abrimos a boca para emitir uma opinião, toda vez que empurramos o mundo pra baixo e o corpo pra frente, dando um passo, de peito aberto, de ombros curvados, de nariz empinado ou de olhos pro chão, estamos travando esta negociação entre o real e o ideal. Estamos enviando aos outros e a nós mesmos a soma de nossos fardos e de nossas aspirações.

Há pobres que se vestem de ricos e ricos que se vestem de pobres, magrelos que andam de braços arqueados, como se fossem musculosos, feiosos que entram num restaurante crentes que são o George Clooney e possíveis galãs e divas que, ignorantes ou culpados por suas belezas, caminham por aí mais parecidos com Tims Burtons e Zezés Macedos. No fim, acabamos sendo um meio-termo entre o ator e o roteiro que tentamos escrever.

Hoje, portanto, admiro as moças que colocam fotos de belas atrizes entre as suas. Vejo ali um pouco de ousadia, um pouco de esperança, e, acima de tudo, algo oposto ao que eu via antes: não um delírio, a tentativa de fugir de si próprias, mas a capacidade de aceitarem-se na harmoniosa mistura entre o que são e o que gostariam de ser.

Antônio Prata





Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/brasil/2012/07/04/perfis-de-redes-sociais-sao-retratos-ideais-de-nos-mesmos.jhtm> . Acesso em 07/11/2018

Responda com base no texto:

3) O texto trata de um fenômeno que vem se difundindo bastante nos últimos tempos, em todas as faixas etárias.

a) Qual é o fenômeno?

b) O narrador faz referência às “Priscas eras do Orkut”. Qual é a avaliação apreciativa que se revela no emprego da palavra **priscas** para caracterizar o Orkut?

c) Ao navegar nas redes sociais, o narrador entra no perfil da moça.

a. O que as fotos da moça retratam?

b. Que surpresa tem o narrador?

c. O narrador diz ter tido um sentimento de “vergonha alheia”. Explique o sentido dessa expressão no contexto.

4) Baseado nas observações que faz, o narrador chega a uma conclusão sobre os perfis apresentados nas redes sociais.

a. Qual é a conclusão? Explique-a.

b. O que o narrador conclui quanto ao papel que têm as imagens, os pensamentos e os links de filmes?

5) Durante o desenvolvimento do texto, o narrador expõe a mudança de suas reflexões acerca do assunto.

a. De acordo com o 5º e 6º parágrafo o confronto que ele vê entre o real e o ideal restringe-se às redes sociais? Justifique sua resposta com exemplos.

b. Na afirmação “acabamos sendo um meio-termo entre o ator e o roteiro que tentamos escrever”, quem é o ator? O que é o roteiro?

6) Quanto a forma, estrutura e estilo do texto:

a. O texto pode ser considerado a que gênero textual? Justifique sua resposta

7) Leia este trecho do conto “Minha gente”, de Guimarães Rosa.

Pelo rego desciam bolas de lã sulfurina: eram os patinhos novos, que decerto tinham matado o tempo, dentro dos ovos, estudando a teoria da natação. E, no pátio, um turbilhão de asas e bicos revolteava e se embaralhava, rodeando a preta, que jogava os últimos punhados de milho (...)

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. P. 2017

Sulfurina: da cor do enxofre, que é amarelo.

Revolutear: movimentar-se rapidamente dando voltas.



Para intensificar a expressividade da cena descrita, o autor faz uso de vários recursos da linguagem figurada. Releia o texto e responda aos itens de **a** a **d**.

- a. Ao dizer que os patinhos são “bolas de lã”, o autor sugere a existência de aspectos comuns aos patinhos e às bolas de lã. Explícite esses aspectos e nomeie a figura de linguagem empregada nesse caso.
- b. O autor utiliza as palavras “asas” e “bicos” em lugar de “aves”. Explique por que a troca foi possível e classifique essa figura de linguagem.
- c. O autor emprega uma prosopopeia, figura de linguagem também chamada de personificação. Transcreva o trecho em que ela ocorre e explique-a no contexto do fragmento.
- d. No texto ocorre uma hipérbole. Transcreva-a e justifique sua resposta.

8) (Enem 2012)



Disponível em: www.portaldapropaganda.com.br

Ao interpretar um anúncio publicitário, sempre considere os elementos verbais e não verbais.

A publicidade, de uma forma geral, alia elementos verbais e imagéticos na constituição de seus textos. Nessa peça publicitária, cujo tema é a sustentabilidade, o autor procura convencer o leitor a

- A) assumir uma atitude reflexiva diante dos fenômenos naturais.
- B) evitar o consumo excessivo de produtos reutilizáveis.
- C) aderir à onda sustentável, evitando o consumo excessivo.
- D) abraçar a campanha, desenvolvendo projetos sustentáveis.
- E) consumir produtos de modo responsável e ecológico.



9) (ENEM 2010)

MOSTRE QUE SUA MEMÓRIA É MELHOR DO QUE A DE COMPUTADOR E GARDE ESTA CONDIÇÃO: 12X SEM JUROS.

Revista Época. N° 424, 03 jul. 2006.

Ao circularem socialmente, os textos realizam-se como práticas de linguagem, assumindo funções específicas, formais e de conteúdo. Considerando o contexto em que circula o texto publicitário, seu objetivo básico é

- A) definir regras de comportamento social pautadas no combate ao consumismo exagerado.
- B) influenciar o comportamento do leitor, por meio de apelos que visam à adesão ao consumo.
- C) defender a importância do conhecimento de informática pela população de baixo poder aquisitivo.
- D) facilitar o uso de equipamentos de informática pelas classes sociais economicamente desfavorecidas.
- E) questionar o fato de o homem ser mais inteligente que a máquina, mesmo a mais moderna.

10) (ENEM 2010)

Câncer 21/06 a 21/07

O eclipse em seu signo vai desencadear mudanças na sua autoestima e no seu modo de agir. O corpo indicará onde você falha – se anda engolindo sapos, a área gástrica se ressentirá. O que ficou guardado virá à tona, pois este novo ciclo exige uma “desintoxicação”. Seja comedida em suas ações, já que precisará de energia para se recompor. Há preocupação com a família, e a comunicação entre os irmãos trava. Lembre-se: palavra preciosa é palavra dita na hora certa. Isso ajuda também na vida amorosa, que será testada. Melhor conter as expectativas e ter calma, avaliando as próprias carências de modo maduro. Sentirá vontade de olhar além das questões materiais – sua confiança virá da intimidade com os assuntos da alma.

Revista Cláudia. N° 7, ano 48, jul. 2009.

O reconhecimento dos diferentes gêneros textuais, seu contexto de uso, sua função específica, seu objetivo comunicativo e seu formato mais comum relacionam-se com os conhecimentos construídos socioculturalmente. A análise dos elementos constitutivos desse texto demonstra que sua função é:

- A) vender um produto anunciado.
- B) informar sobre astronomia.
- C) ensinar os cuidados com a saúde.





- D) expor a opinião de leitores em um jornal.
- E) aconselhar sobre amor, família, saúde, trabalho.

10. (Ufpel-RS)

O ex-general iraquiano Izzat Ibrahim al Duri **estaria coordenando** os ataques no Iraque contra as tropas da coalizão anglo-americana, afirmou hoje um funcionário do Pentágono. Segundo o funcionário, que pediu para não ser identificado, o Pentágono teria informações de que Al Duri **está coordenando** os ataques de combatentes estrangeiros e iraquianos leais ao ex-presidente Saddam Hussein. [...]

Folha Online, 29 out. 2003. Disponível em: <www.folha.com.br>. Acesso em: 29 out. 2003.

A locução verbal “estar coordenando” aparece, no texto, de duas formas diferentes. Comente a razão do uso de cada uma delas.

11. Complete as sentenças com o verbo indicado na conjugação do pretérito mais que perfeito do indicativo.

- a) Eu _____ para a prova de literatura, mas não fui fazê-la (estudar)
- b) Ontem eu _____ os trabalhos, hoje pela manhã entreguei-os. (fazer)

12) (PUCC-SP)

Quando desci a ladeira, aos trancos e barrancos, lembrei-me da amiga Marinha. Era naquela casa rosa que ela morava. Uma vez eu fui visitar uns parentes e, quando voltei, um amigo me **disse** que ela **tinha ido** embora.

AS FORMAS VERBAIS DESTACADAS FORAM EMPREGADAS, NO TEXTO, RESPECTIVAMENTE PARA:

- A) designar uma ação que se produziu em certo momento do passado; para indicar uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada.
- B) indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra; para exprimir a continuidade de um ato até o presente em que se fala.
- C) designar um fato passado concebido como permanente; para indicar uma ação habitual ou repetida.
- D) exprimir uma ação durativa, não limitada no tempo; para expressar um fato repetido, no passado, mas que se aproxima do presente.
- E) denotar um fato vagamente situado no passado; para indicar um fato provável.





13) Leia as afirmações a seguir:

- I. O presente do indicativo expressa ação concomitante com o momento da fala
- II. O pretérito perfeito do indicativo expressa ação já concluída no passado em relação ao momento da fala
- III. O pretérito imperfeito do indicativo expressa ação rotineira no passado.
- IV. O pretérito mais-que-perfeito do indicativo expressa ação anterior a outra no passado.

Pensando no uso literal do verbo, são consideradas afirmações corretas as:

14) (UFRRJ)

Namorados

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

— Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

— *Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listada?*

A moça se lembrava:

— A gente fica olhando.

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

— Antônia, você parece uma lagarta listada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

— Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. In: *Poesias reunidas*.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

No verso “— *Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listada?*”, o presente do indicativo, nas formas destacadas, foi empregado para expressar ações:

- A) presentes e simultâneas ao momento da fala.
- B) presentes e posteriores ao momento da fala.
- C) passadas mas que têm validade permanente.
- D) que vão se realizar num futuro bem próximo.
- E) passadas que negam o aspecto durativo do verbo.



15) ENEM



CURY, C. Disponível em: <<http://tirasnacionais.blogspot.com>>. Acesso em: 13 nov. 2011. (Foto: Reprodução).

A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude:

- A) crítica, expressa pelas ironias.
- B) resignada, expressa pelas enumerações.
- C) indignada, expressa pelos discursos diretos.
- D) agressiva, expressa pela contra-argumentação.
- E) alienada, expressa pela negação da realidade.

Texto para a questão 16

As cousas do mundo

Neste mundo é mais rico o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
Com sua língua, ao nobre o vil decepa:
O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa;
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa.
Mais isento se mostra o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

MATOS, Gregório de. In: *Seleção de Obras Poéticas*.

16) (Fatec-SP)

Em “Para a tropa do trapo vazo a tripa”, pode-se constatar que o poeta teve grande cuidado com a seleção e disposição das palavras que compõem a sonoridade do verso, para salientar certos fonemas que se repetem (principalmente os “pês” e os “tês”), utilizando, ao mesmo tempo, palavras que se diferenciam por mudanças fonéticas mínimas (tropa/trapo/tripa).

Os recursos estilísticos empregados aí foram:

- A) personificação e alusão.
- B) paralelismo e comparação.
- C) aliteração e paronomásia.
- D) assonância e preterição.
- E) metáfora e metonímia.

Texto para a questão 17



A charge de Ivan Cabral foi utilizada na prova do Exame Nacional do Ensino Médio de 2012

17) O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

- A) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que pretende veicular.
- B) ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.
- C) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.

D) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.

E) antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

18) (ENEM-2004)

FRANK & ERNEST / Bob Thaves



As figuras de linguagem são comumente encontradas nos textos literários, bem como em charges e tirinhas

Nessa tirinha, a personagem faz referência a uma das mais conhecidas figuras de linguagem para

- A) condenar a prática de exercícios físicos.
- B) valorizar aspectos da vida moderna.
- C) desestimular o uso das bicicletas.
- D) caracterizar o diálogo entre gerações.
- E) criticar a falta de perspectiva do pai.